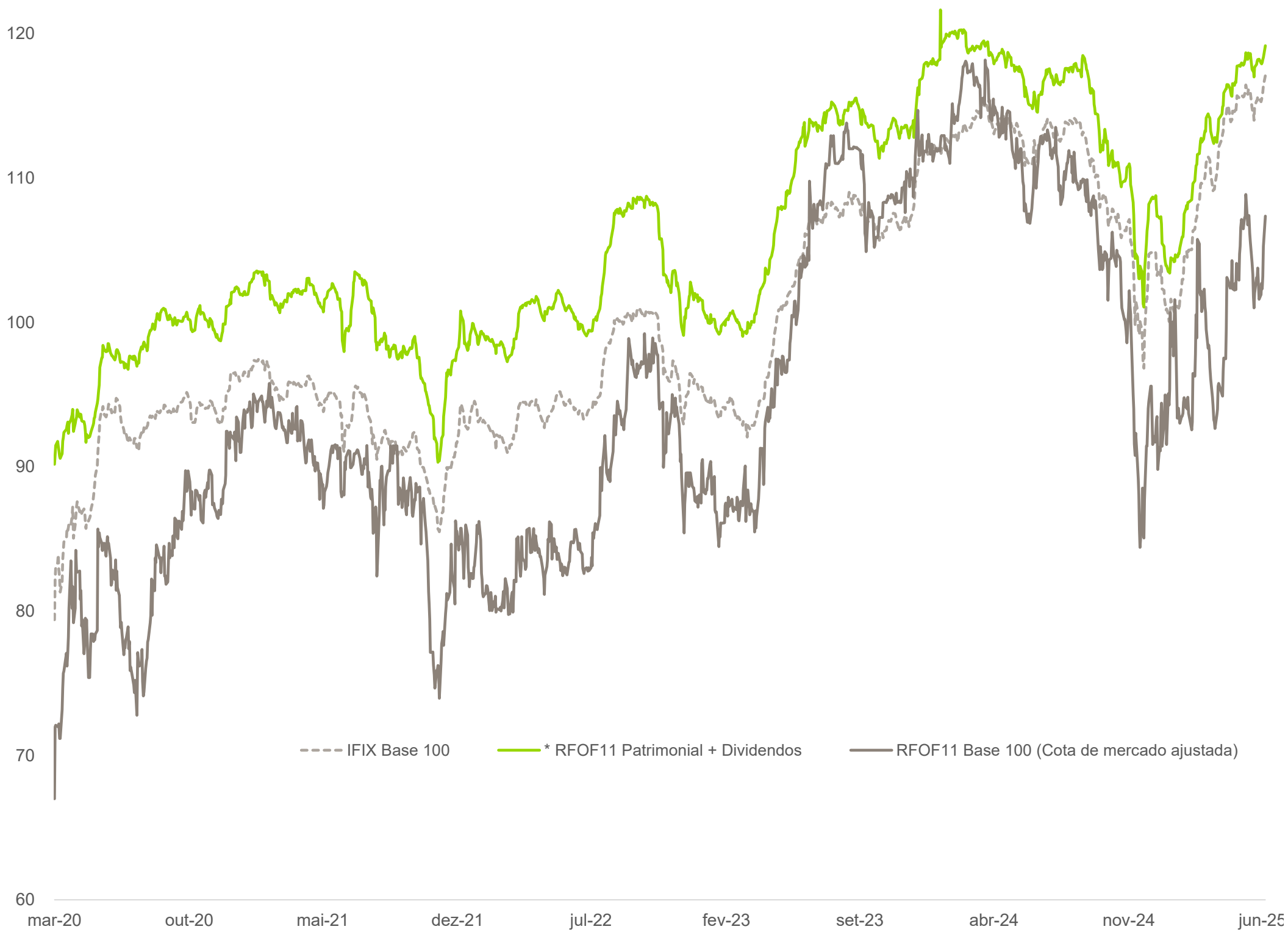




RELATÓRIO AO INVESTIDOR
RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FII
RFOF11 – JUNHO/25

Cota Patrimonial	Cota a Mercado	Valor Patrimonial (Milhões)	Rendimentos de Jun/25	D.Y. Anualizada a preço de mercado
R\$ 70,31	R\$ 62,98	R\$ 75,8	R\$ 0,65/cota	12,39%

Retorno Acumulado



FONTE: RB ASSET

* Não considera custo de emissão

COMENTÁRIOS DO GESTOR

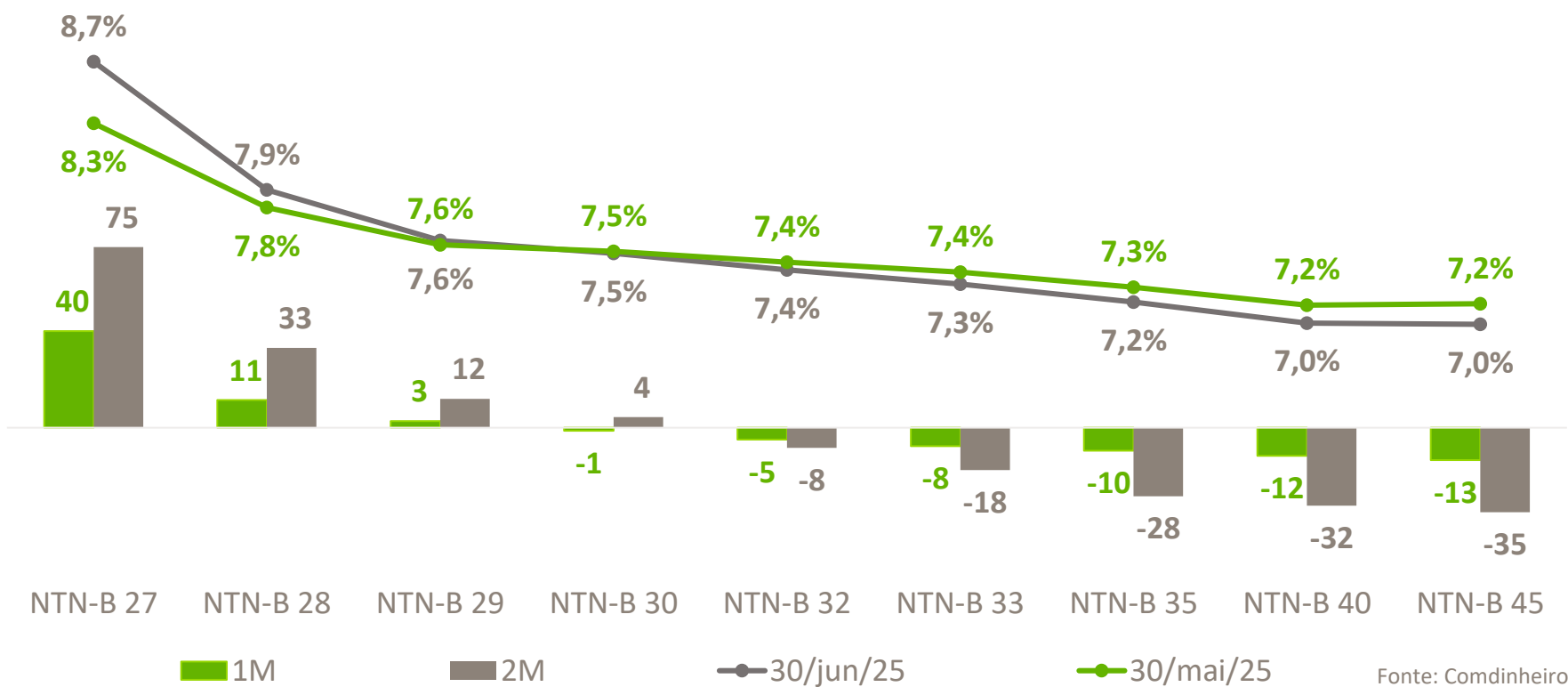
Breve Panorama Macroeconômico

O mês de junho foi marcado por renovação de recordes históricos nos mercados globais, em parte mitigada pelos conflitos geopolíticos, em especial a guerra de 12 dias entre Israel e Irã. A preocupação em torno da trajetória fiscal nos EUA e a nova manutenção da taxa de juros pelo Fed foram contrabalanceadas por expectativas de negociações comerciais. Apesar da divulgação de indicadores econômicos nos EUA virem abaixo das expectativas, não são números que indiquem uma fraqueza generalizada ou preocupações de recessão econômica, já a inflação em trajetória descendente traz melhor perspectiva de início da flexibilização monetária pelo Federal Reserve, ainda que o mercado comece a precificar intensificação do processo somente a partir de 2026. Ainda, vale destacar que a corrida por IA segue produzindo fortes ganhos para empresas como Oracle e Nvidia, esta já próxima a alcançar a marca de US\$ 4 trilhões em valor de mercado (magnitude superior à soma das bolsas do Canadá e México juntas, ou mais do que todas as empresas listadas no Reino Unido). Diante disso, os três principais índices do mercado acionário americano foram marcados por novos ganhos e renovação de recordes históricos para o S&P 500 (+4,96% e +5,50% em 2025) e Nasdaq (+6,57% e +5,48%), já o Dow Jones (+4,32% e +3,64%) recuperou as perdas do ano.

No cenário doméstico, o mês de junho foi marcado pela continuidade da rotatividade global, dando sequência aos ganhos para os ativos locais, resultando em novo forte ingresso de capital, com saldo positivo de R\$ 5,4 bilhões na bolsa brasileira e acumulando um aporte líquido total de R\$ 26,4 bilhões no ano, o maior valor já registrado desde 2022. Após uma série de notícias negativas e perda de popularidade, governo tenta as últimas cartadas neste segundo semestre e primeiro semestre de 2026 visando eleição presidencial, deixando a questão fiscal em segundo plano, com pouca ou nenhuma vontade política para cortes de gastos, implicando em novas medidas arrecadatórias. Com isso, tivemos volatilidade na curva de juros doméstica, que registrou nova abertura sobretudo nos vencimentos mais curtos e fechamento nos vértices mais longos, com mercado já começando a precificar mudança no Planalto, com potencial retomada do rigor fiscal. Em relação ao Copom, houve certa surpresa (mercado estava dividido), com nova alta para 15,00%, acompanhada de um tom de encerramento do aperto monetário e manutenção do atual patamar por um período “bastante prolongado”, caso o processo de desinflação se mostre mais lento do que esperado. No cenário macroeconômico, tivemos destaque negativo para os dados de produção industrial, CAGED, confiança do consumidor e déficit público primário (reforçando temor fiscal), já do lado positivo tivemos dados de vendas no varejo, IBC-Br de abril e taxa de desemprego.

O IPCA de maio apresentou alta de 0,26% e de 5,32% no acumulado de 12 meses, resultado melhor do que as estimativas, porém ainda em patamar superior ao teto da meta de inflação do BC. Já o IPCA-15 apresentou alta de 0,26% em junho, acumulando alta de 5,27% em 12 meses, também abaixo das expectativas do mercado. O boletim Focus divulgado pelo Banco Central, em linha com a melhora observada nas últimas semanas, tem passado por novas revisões para as projeções do IPCA, em especial para este ano, com ajuste de 5,46% há 4 semanas para 5,420% (ainda em patamar superior ao teto da meta do BC), manutenção para os anos de 2026 (4,50%) e para 2027 (4,00%) e leve melhora para 2028 (de 3,85% para 3,83%). Após sucessivas revisões, temos observado uma manutenção no patamar para a taxa Selic: para 2026 em 12,50%, 2027 em 10,50% e 2028 em 10,00%, porém com revisão para este ano, encerrando em 15,00%, atual patamar, ou seja, expectativa de manutenção ao menos até o 1º trimestre de 2026 para início da flexibilização monetária pelo Copom.

Curva de Juros Real



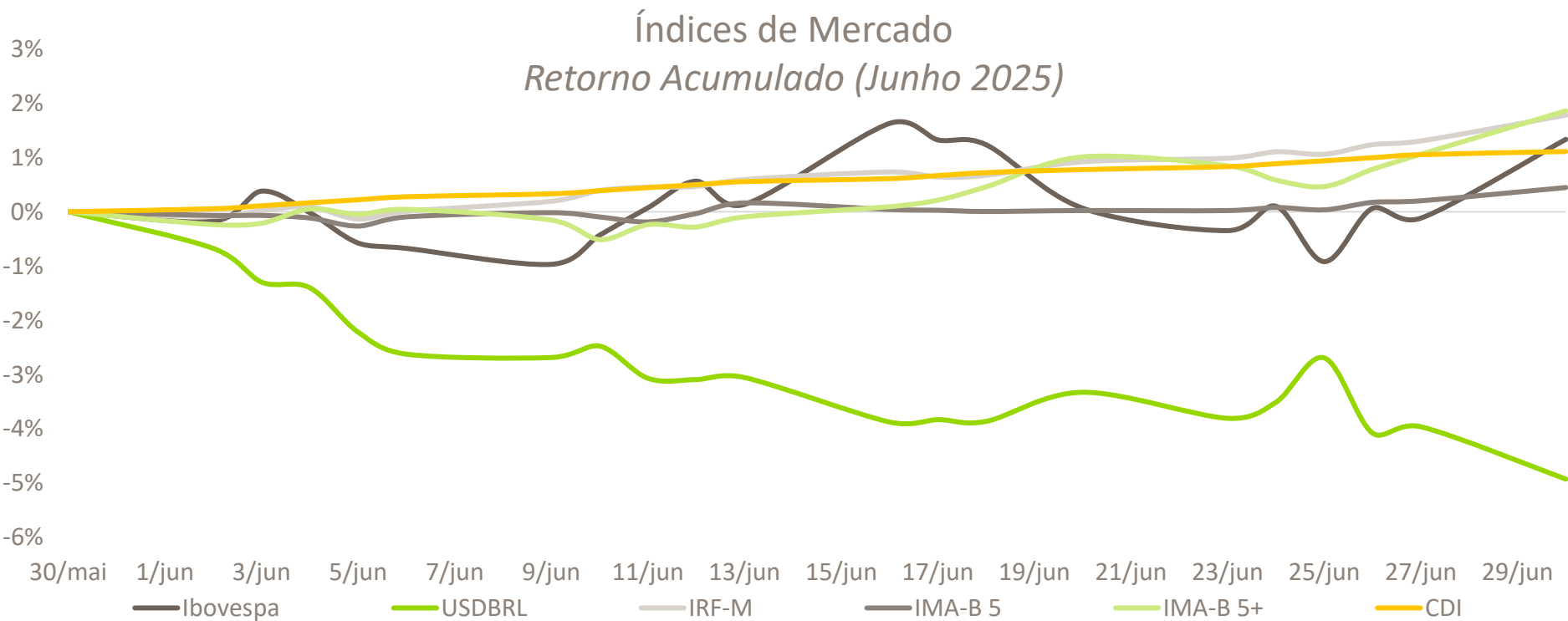
Ao longo do mês, a curva de juros real registrou abertura nos vértices mais curtos e fechamento nos vencimentos mais longos (a partir da NTN-B 30). Dessa forma, os índices IMA-B 5 e IMA-B renderam 0,45% e 1,30%, respectivamente.

No cenário internacional, apesar da continuidade do movimento nos EUA de saída de capital, tivemos renovações de recordes históricos nas bolsas em NY, apesar de nova abertura de juros (nos vértices longos) e dólar em queda (acompanhando o pior semestre do DXY desde 1973). A divulgação do PCE teve leve alta, porém mantendo trajetória decrescente e convergindo para a meta de 2%, assim como dados de CPI e PPI abaixo do esperado, *Payroll* pouco acima do esperado (com revisão do mês anterior para baixo) e novamente foi divulgado forte déficit comercial (novo recorde), confiança do consumidor em alta, vendas no varejo e leitura final do PIB do 1º trimestre em queda (e abaixo das expectativas). O contexto atual traz cenário de *softlanding* para EUA (similar ao movimento observado ao final de 2023), com crescimento econômico em franca desaceleração, mas não tão intensa a ponto de causar uma recessão, com impacto positivo na inflação, que tende a arrefecer aos níveis considerados ideais para que os membros do Fed possam vislumbrar uma perspectiva de início do relaxamento monetário. Na Europa, conforme amplamente esperado, tivemos novo corte da taxa de juros (oitava desde junho/24), diante de inflação abaixo da meta e indicação de que os juros estão agora na faixa “neutra”, em que não estimulam nem desaceleram o crescimento econômico. Ademais, tivemos divulgação de produção industrial, PMIs e confiança do consumidor abaixo das estimativas, contrabalanceados por PIB do 1º trimestre e vendas no varejo acima do esperado.

Na China, tivemos divulgação de dados de PMI reforçando tendência de enfraquecimento da economia em meio às tensões comerciais, assim como dados de balança comercial em queda, com alta abaixo do esperado nas exportações, já o nível de importação veio bem abaixo das expectativas. Ainda nos destaques negativos, tivemos produção industrial, contrabalanceados por vendas no varejo melhor do que esperado.

Em relação às *commodities*, o petróleo teve nova recuperação em junho, encerrando aos US\$ 67,61/barril o Brent, mesmo diante da guerra de 12 dias entre Israel e Irã, atingindo preços em patamar superior aos US\$ 80/barril, porém reduzindo os ganhos em meio ao cessar-fogo com uma forte queda na última semana do mês (maior desde março/2023), diante dessa redução de riscos no Oriente Médio e possível novo aumento da produção da OPEP+ em agosto, além de produção recorde nos EUA. Por sua vez, para o minério de ferro tivemos novo fechamento em queda (-1,3% no mês, aos US\$ 94,4/ton, marcando o quinto mês consecutivo de perdas), após divulgação do terceiro mês seguido de encolhimento da atividade industrial chinesa, resultando em fraca demanda doméstica, somado à crise imobiliária persistente e preocupações com a guerra comercial.

O Ibovespa encerrou em nova alta de 1,33% em junho, aos 138.854 pontos, acumulando alta no ano de 15,44%. Por sua vez, o dólar fechou o mês em queda de 4,98%, negociado a R\$ 5,43 (menor patamar desde setembro/24 e acumulando uma desvalorização de 12,08% no ano), novamente decorrente do forte fluxo de capital para o mercado doméstico. O forte otimismo ainda decorre muito mais por conta das benesses externas, em especial dos EUA, que estão perdendo cada vez mais a confiança do dólar como porto seguro, em meio ao somatório de guerras tarifárias com crescimento da dívida pública e potencial enfraquecimento da independência do Federal Reserve. Com crescimento cada vez maior de investimentos sendo realizados por análises quantitativas e/ou via ETFs, o fluxo de capital é mais fluído e tende a migrar rapidamente, o que tem beneficiado o mercado doméstico neste primeiro semestre, apesar de toda a problemática vinda de Brasília, com questão fiscal temerário e apostas já sendo feitas para cenário eleitoral em 2026 para a campanha presidencial. O *carry trade* tem sido importante catalisador, com tom *hawkish* do Bacen surtindo efeito no mercado, apostando em convergência da inflação à frente e redução dos prêmios na curva de juros a partir dos vértices intermediários e especialmente nos longos.



Fonte: Broadcast+

Panorama do Mercado de Fundos Imobiliários

Em linha com valorização histórica para o Ibovespa e aumento do apetite ao risco para ativos domésticos, tivemos novo mês de ganhos para o IFIX (quinto consecutivo), registrando uma valorização de 0,63% em junho (aos 3.483,77 pontos e acumulando ganhos de 11,79% no ano, sendo destaque para o melhor 1º semestre desde 2019), encerrando na máxima histórica do *benchmark* em termos nominais. Importante destacar que segundo a metodologia *total return* do IFIX, os dividendos distribuídos são reinvestidos, contribuindo para sua valorização. Novamente, tivemos um comportamento que não apresentou trajetória linear de alta, apresentando forte volatilidade ao longo do mês e recuperação na última semana, diante da postura *hawkish* do Bacen, resultando em melhora na curva de juros. No âmbito corporativo, noticiário de imóveis corporativos teve novas transações de locação no mercado real indicando forte apetite de players relevantes, como a escola Saint Paul (10,9 mil m²) sendo nova inquilina do Passeio Paulista, imóvel desenvolvido pela Brookfield, mesmo imóvel que teve contrato assinado em maio pelo BB (13,7 mil m²). Ainda, acompanhamos o aumento do preço médio pedido, concomitante à redução gradual da vacância em quase todas as regiões da cidade de SP.

Os maiores ganhos no mês foram registrados para varejo, *Hedge Funds* (multiestratégia), ativos financeiros e shoppings, já escritórios, híbridos, logísticos e Fundos de Fundos (FoFs) tiveram desempenho abaixo do IFIX em junho. Já no acumulado do ano, os setores de multiestratégia, shoppings, escritórios e ativos financeiros são os destaques de alta (nesta ordem), com um desempenho superando o *benchmark*, já logísticos, híbrido, Fundos de Fundos (FoFs) e varejo ainda tem performance abaixo do IFIX, apesar de ainda apresentarem um desempenho positivo. Como destacado no mês anterior, mantemos uma visão cautelosa diante de um cenário macroeconômico ainda volátil, marcado por incertezas quanto à condução da política fiscal e monetária doméstica, além de possíveis choques externos — como a reprecificação das curvas de juros globais e a persistência de riscos geopolíticos. Nesse contexto, o movimento de recuperação observado nos últimos meses tende a perder fôlego. O IFIX, ao se aproximar de sua máxima histórica, em torno dos 3.500 pontos, encontra uma zona de resistência relevante, mas que pode ser colocada à prova conforme as expectativas em relação aos fundamentos macroeconômicos e à percepção de risco se ajustem ao longo do segundo semestre.

Aproveitamos este espaço para atualizar os dados do mercado de lajes corporativas, conforme informações divulgadas para o fechamento do 2º trimestre pela consultoria imobiliária SiiLA, apenas para imóveis com classificação A+/A. O Gráfico 1, que contempla o *Central Business District* (CBD) da cidade de São Paulo registrou neste trimestre continuidade dos sinais de recuperação no setor, com nova queda na taxa de vacância, de 18,7% para 17,5% e uma absorção líquida de 49 mil m². Observou-se também um aumento no preço médio pedido, que passou de R\$ 120,00/m² para R\$ 125,18/m², impulsionado principalmente pela região *prime*, onde o aumento acelerado dos preços levou diversos locatários a reavaliar sua permanência nesses endereços.

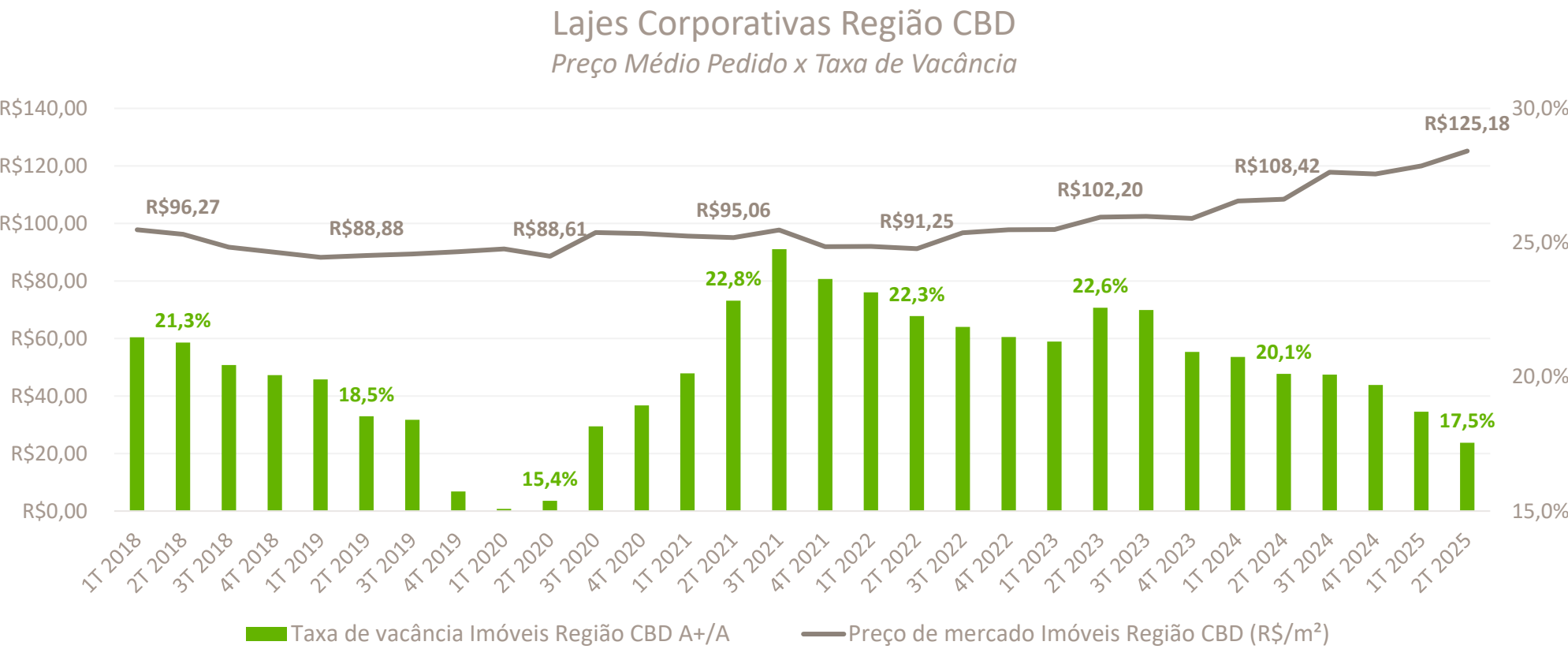


Gráfico 1 – Preço médio pedido e taxa de vacância em lajes corporativas, segundo SiiLA

Panorama do Mercado de Fundos Imobiliários

No Gráfico 2, mostramos separadamente o desempenho das regiões *prime* e *subprime* dentro do CBD, conforme metodologia adotada nos relatórios anteriores. Novamente, o comportamento do mercado foi semelhante ao do trimestre anterior, com a região *subprime* registrando leve alta no preço médio pedido, além de uma redução expressiva na taxa de vacância, que caiu de 22,7% para 20,6%, o menor patamar desde o 1T de 2020, quando os indicadores começaram a piorar devido ao início dos *lockdowns* provocados pela COVID-19. Já a região *prime* apresentou novo aumento significativo no preço médio pedido, de R\$ 238,34/m² para R\$ 255,94/m², por outro lado, a taxa de vacância da região *prime* voltou a subir, atingindo 11,1%, ultrapassando a marca dos 10%, o que nos leva a um cenário de locação menos favorável ao proprietário, o que pode ser corroborado pelo noticiário dando conta de migração para diferentes regiões da cidade de SP, principalmente por conta de preços mais convidativos dessas regiões em movimento chamado *Flight-to-Price*.

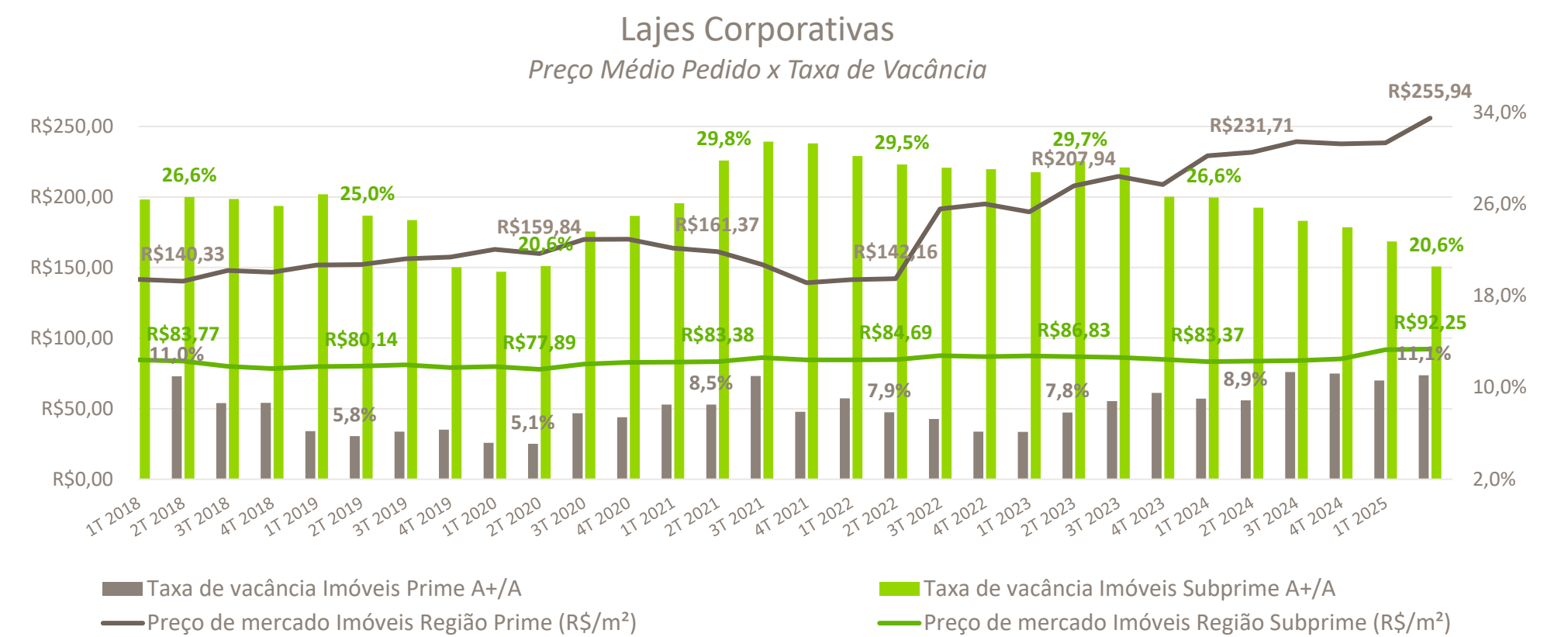


Gráfico 2 – Preço médio pedido e taxa de vacância em regiões prime e subprime, segundo SiiLA

Novamente neste trimestre, destacamos a região *subprime*, com ênfase especial em três áreas: Berrini, Paulista e Pinheiros. Em Pinheiros, mesmo com a única entrega da região sendo o Edifício Valente, a região apresentou uma queda na taxa de vacância, impulsionada por uma absorção líquida de 13,1 mil m², a segunda maior entre todas as regiões no período. Esse movimento reforça os movimentos de locatários na região como mencionado em relatórios anteriores, especialmente entre empresas que buscam localização estratégica sem sair longe do eixo da região *prime*. Já na Berrini, a vacância caiu de 12,03% para 9,82%, marcando a primeira vez desde o 4T de 2012 que a região opera abaixo dos 10%. Além da melhora consistente na ocupação, a Berrini registrou a terceira maior absorção líquida do trimestre, com 7,4 mil m².

No entanto, a principal melhora veio da região da Paulista. A taxa de vacância teve uma queda expressiva, passando de 13,10% para apenas 3,03%, nível que não era observado desde o 2º trimestre de 2020, quando a região marcava 4,77%, antes dos impactos mais severos da pandemia. A Paulista também liderou em absorção líquida, com 25,9 mil m². Além disso, o preço médio pedido na região teve um salto significativo, passando de R\$ 135,76/m² para R\$ 158,86/m², o maior já registrado na história da região. O movimento reforça o reposicionamento da Paulista como uma das áreas mais valorizadas e demandadas do mercado corporativo paulistano. Vale ressaltar que neste primeiro semestre, um dos grandes imóveis comerciais da região, o Passeio Paulista (ativo A+), teve anúncio de locação para Banco do Brasil, Insper e Pernod Ricard, somando 26,6 mil m².

Diante dos dados observados, seguimos monitorando a recuperação gradual do mercado de lajes corporativas, especialmente nas regiões que têm se destacado pela combinação de melhora nos indicadores de vacância e valorização dos preços. A dinâmica recente reforça a seletividade dos ocupantes e o papel estratégico da localização na performance dos ativos.

Análise Patrimonial

Demonstrativo de Receitas, Despesas, Rendimentos e Rentabilidade.

O Fundo distribuiu R\$ 0,65/cota como rendimento referente ao mês de junho de 2025, aos titulares detentores de cotas ao final do dia 30 de junho.

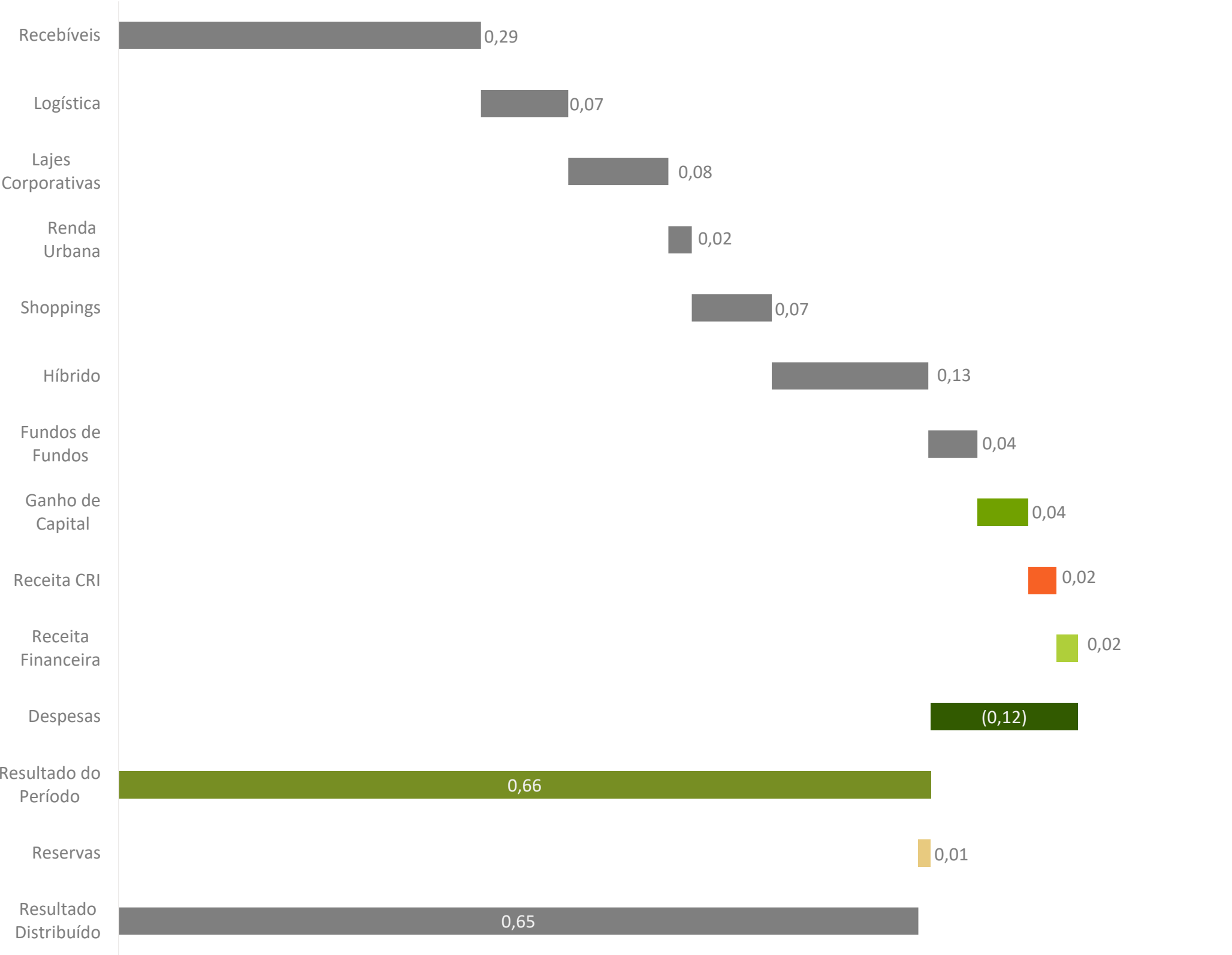
A distribuição de rendimentos aos cotistas é calculada de acordo com o resultado apurado sob regime de caixa do FII em cada mês. Abaixo segue tabela contendo as receitas e despesas do FII.

O gráfico abaixo decompõe a distribuição dos R\$ 0,65 por segmento alocado.

O resultado gerado pelo fundo no período foi de R\$ 0,66/cota.

Haverá isenção do Imposto de Renda Retido na Fonte e na Declaração de Ajuste Anual das Pessoas Físicas com relação aos rendimentos distribuídos pelo Fundo ao Cotista pessoa física, desde que observados, cumulativamente, os seguintes requisitos: (i) o Cotista pessoa física não seja titular de montante igual ou superior a 10% (dez por cento) das Cotas do Fundo; (ii) as respectivas Cotas não atribuírem direitos a rendimentos superiores a 10% do total de rendimentos auferidos pelo Fundo; (iii) o Fundo receba investimento de, no mínimo, 50 (cinquenta) Cotistas; e (iv) as Cotas, quando admitidas a negociação no mercado secundário, sejam negociadas exclusivamente em bolsas de valores ou mercado de balcão organizado.

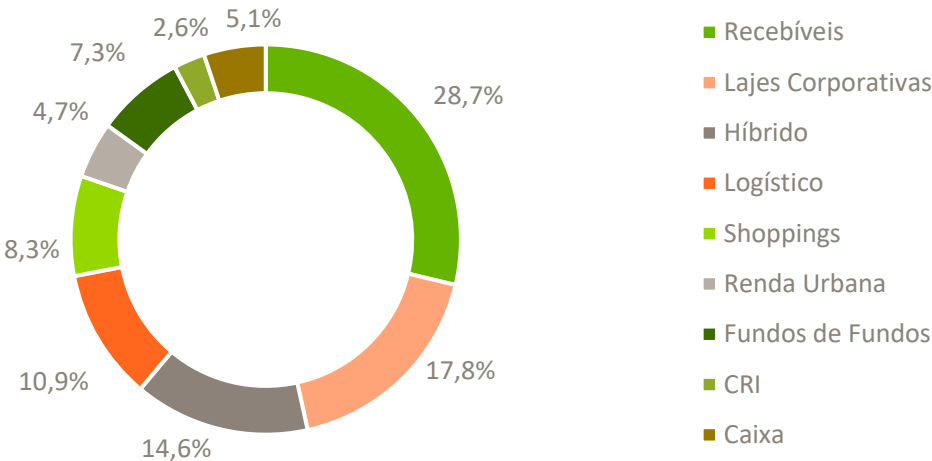
Composição dos Dividendos de Junho/25



Portfólio Gerencial

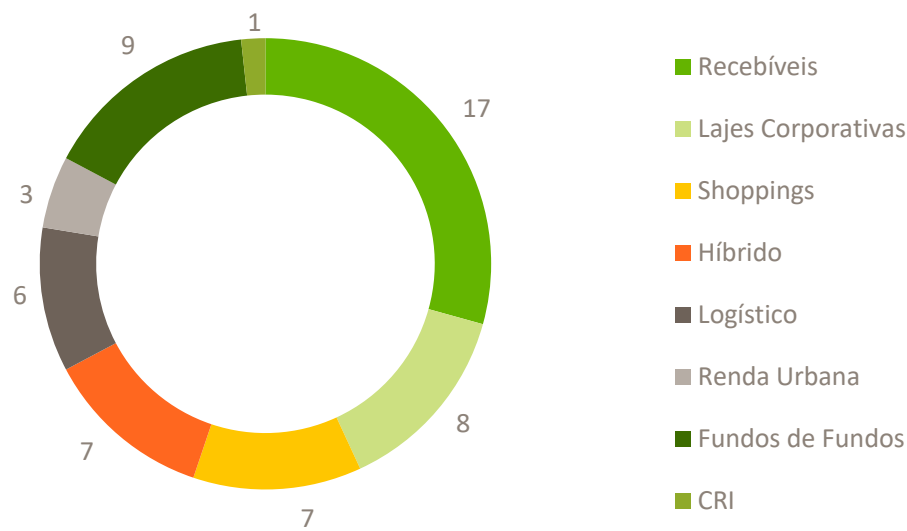
Em relação à composição da carteira do RFOF11, o fundo finalizou o mês de junho/2025 com 92,3% dos seu ativos alocados em cotas de fundos de investimento imobiliários (FII)

Carteira Gerencial - Patrimônio Por Tipo de Estratégia	30/06/2025
Recebíveis	R\$ 22.236.893
Lajes Corporativas	R\$ 13.780.861
Híbrido	R\$ 11.262.051
Logístico	R\$ 8.423.780
Shoppings	R\$ 6.414.439
Renda Urbana	R\$ 3.610.403
Fundos de Fundos	R\$ 5.666.973
CRI	R\$ 2.007.490
Caixa	R\$ 3.969.497
Total Ativos	R\$ 77.372.385



Na abertura por número de fundos investidos, o RFOF11 finalizou o mês de junho com posição em 57 Fundos Imobiliários e 1 CRI.

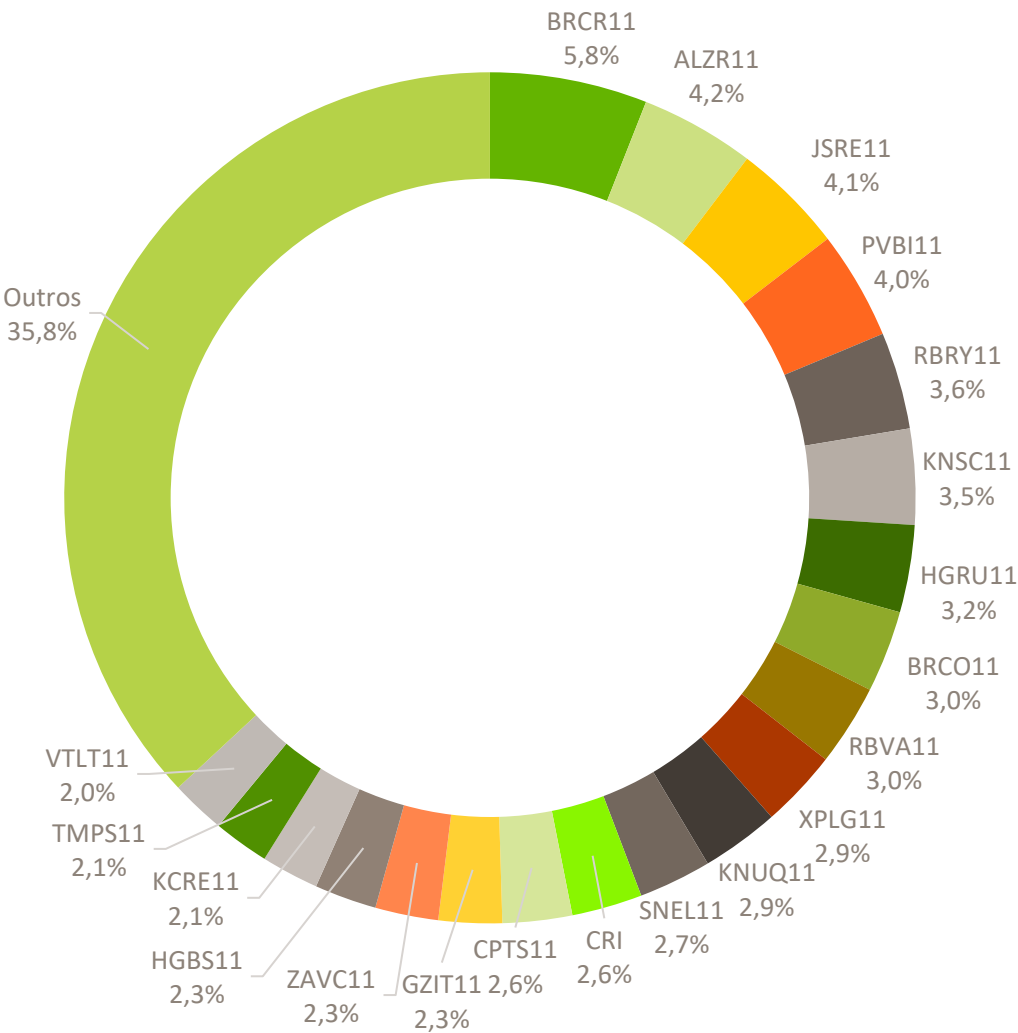
Carteira Gerencial - Número de Fundos Por Tipo de Estratégia	30/06/2025
Recebíveis	17
Lajes Corporativas	8
Shoppings	7
Híbrido	7
Logístico	6
Renda Urbana	3
Fundos de Fundos	9
CRI	1
Total de Ativos	58



Fonte: RB ASSET

Em relação à composição da carteira do RFOF11 por Fundo, destacamos que a maior exposição do fundo ao final de junho possuía 5,8% do total de ativos. Seguimos apostando na diversificação como principal ferramenta de diluição de riscos.

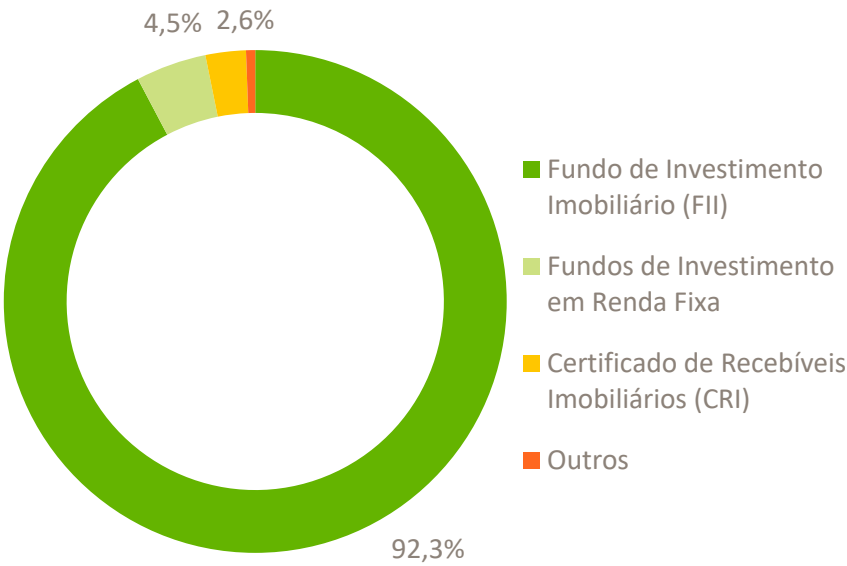
Exposição por FII - Patrimônio Alocado	Segmento	30/06/2025 ⁽¹⁾
BRCR11	Lajes Corporativas	5,8%
ALZR11	Híbrido	4,2%
JSRE11	Lajes Corporativas	4,1%
PVBI11	Lajes Corporativas	4,0%
RBRY11	Recebíveis	3,6%
KNSC11	Recebíveis	3,5%
HGRU11	Renda Urbana	3,2%
BRCO11	Logístico	3,0%
RBVA11	Híbrido	3,0%
XPLG11	Logístico	2,9%
KNUQ11	Recebíveis	2,9%
SNEL11	Híbrido	2,7%
CRI	CRI	2,6%
CPTS11	Recebíveis	2,6%
GZIT11	Shoppings	2,3%
ZAVC11	Recebíveis	2,3%
HGBS11	Shoppings	2,3%
KCRE11	Recebíveis	2,1%
TMPS11	Fundos de Fundos	2,1%
VTLT11	Logístico	2,0%
Outros	-	35,8%



Portfólio Oficial

Carteira Oficial do RFOF11, com base nas informações divulgadas pelo administrador, BRL Trust DTVM.

Carteira Oficial	30/06/2025	30/06/2025 ⁽¹⁾
Ativos do Fundo:		
Fundo de Investimento Imobiliário (FII)	R\$ 71.395.398,57	92,3%
Fundos de Investimento em Renda Fixa	R\$ 3.514.455,28	4,5%
Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI)	R\$ 2.007.489,94	2,6%
Letras de Crédito Imobiliário (LCI)	-	-
Letra Imobiliária Garantida (LIG)	-	-
Outros	R\$ 455.041,26	0,6%
Ativo Total	R\$ 77.821.235	100,0%
Passivos do Fundo:		
Despesas Administrativas	R\$ 856.306,80	
Rendimentos a Distribuir	R\$ 700.806,60	
Aquisição de Ativos	R\$ 0,00	
Taxas e Impostos	R\$ 9.809,84	
Passivo Total	R\$ 1.566.923	
Patrimônio Líquido	R\$ 75.805.462	



Fonte: BRL TRUST

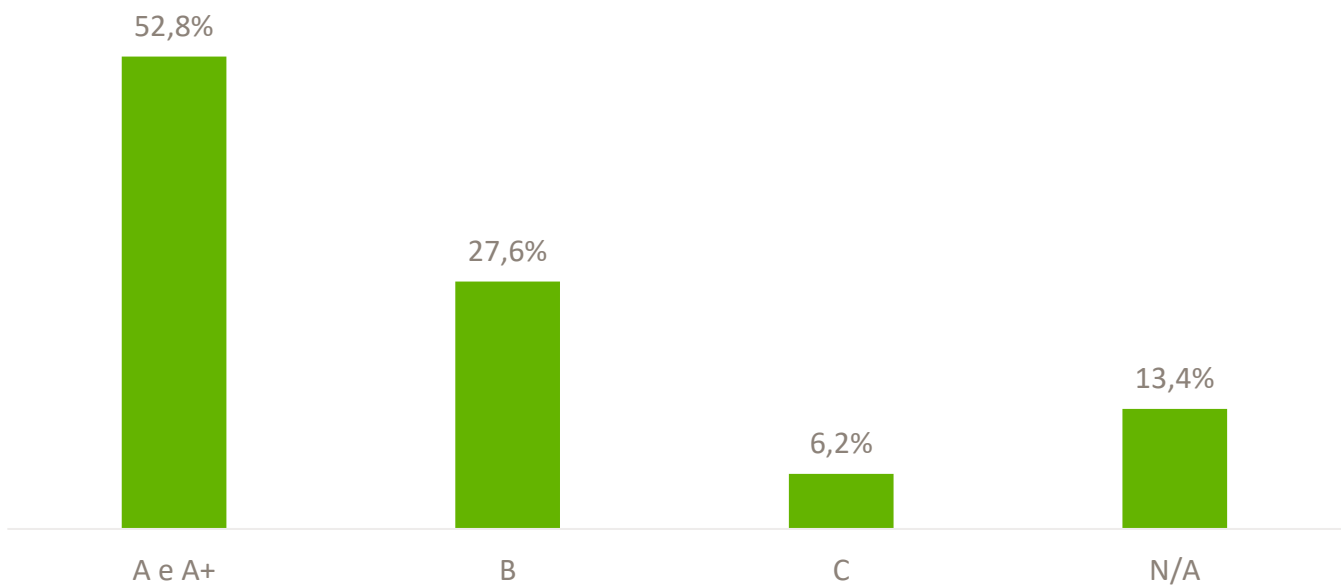
(1) Os valores apresentados em FII e Fundos de Investimento em Renda Fixa estão sendo aqui divididos pelo Total de Ativos do Fundo, e não pelo Patrimônio Líquido, como nos gráficos anteriores. Ou seja, não são líquidos dos passivos e provisões que o Fundo possui. Esta é a forma puramente contábil de visualização.

Estratégia RFOF11

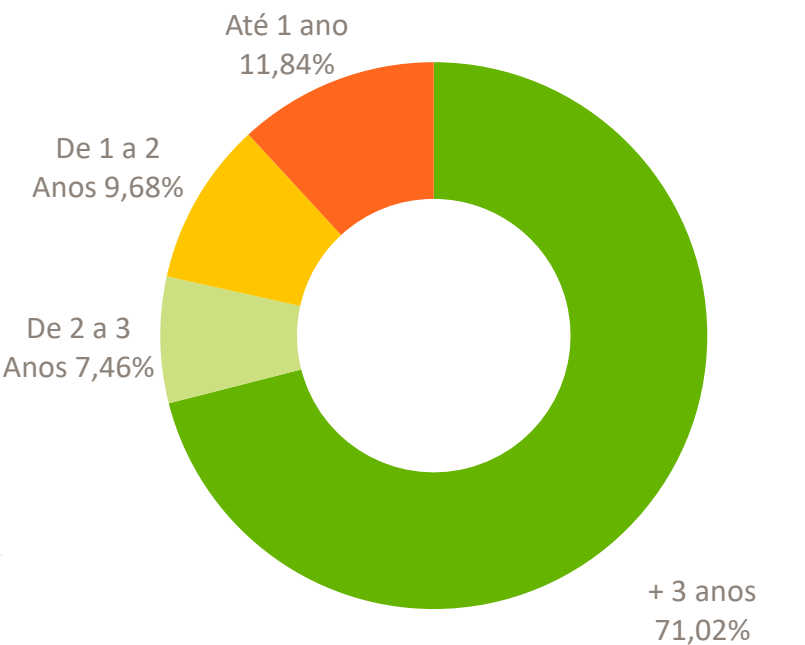
O portfólio do RFOF11 segue diversificado setorialmente, pulverizado em 57 fundos, com maior exposição no estado de São Paulo e com foco em ativos de alta qualidade. Em relação ao total investido, 56,2% dos FIIs do RFOF11 são considerados “tijolo” (FIIs que possuem e gerem os próprios imóveis). Deste percentual, 52,8% dos imóveis são edifícios de alta qualidade técnica, classificados entre A e A+ pela consultoria imobiliária SiiLA Brasil. Por região, 53,96% do total dos imóveis está localizado no estado de São Paulo. Os contratos são bastante pulverizados, reduzindo o risco de concentração e 71,0% deles possuem mais de três anos de prazo até o vencimento, trazendo maior previsibilidade dos rendimentos futuros.



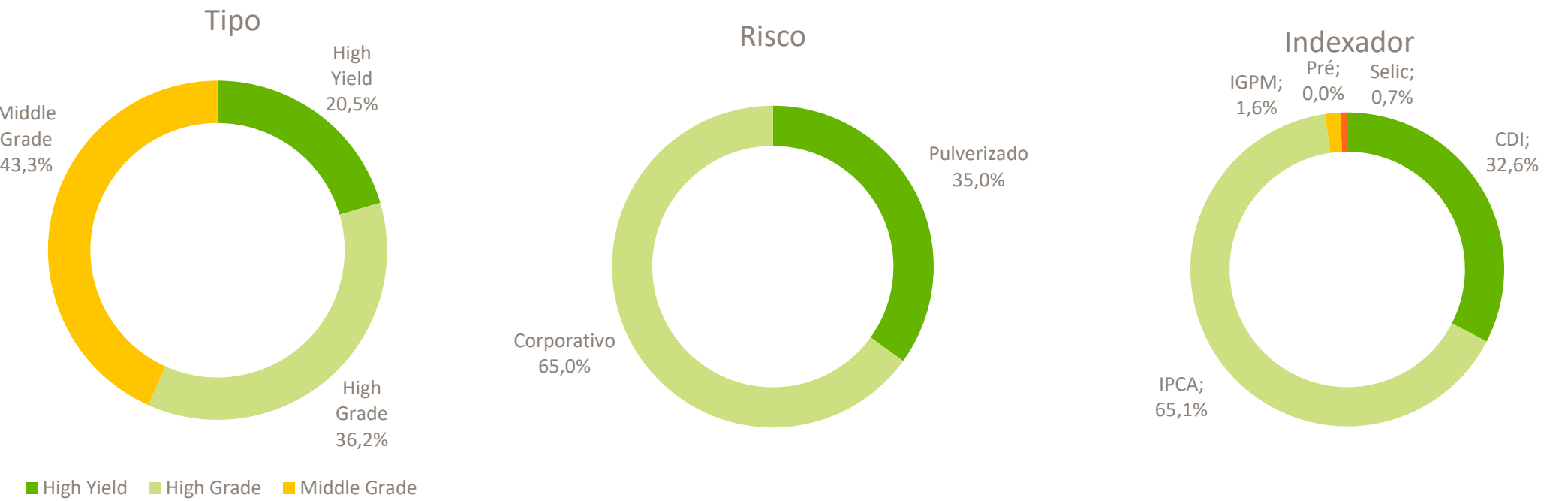
Classificação dos ativos imobiliários



Prazo de contratos

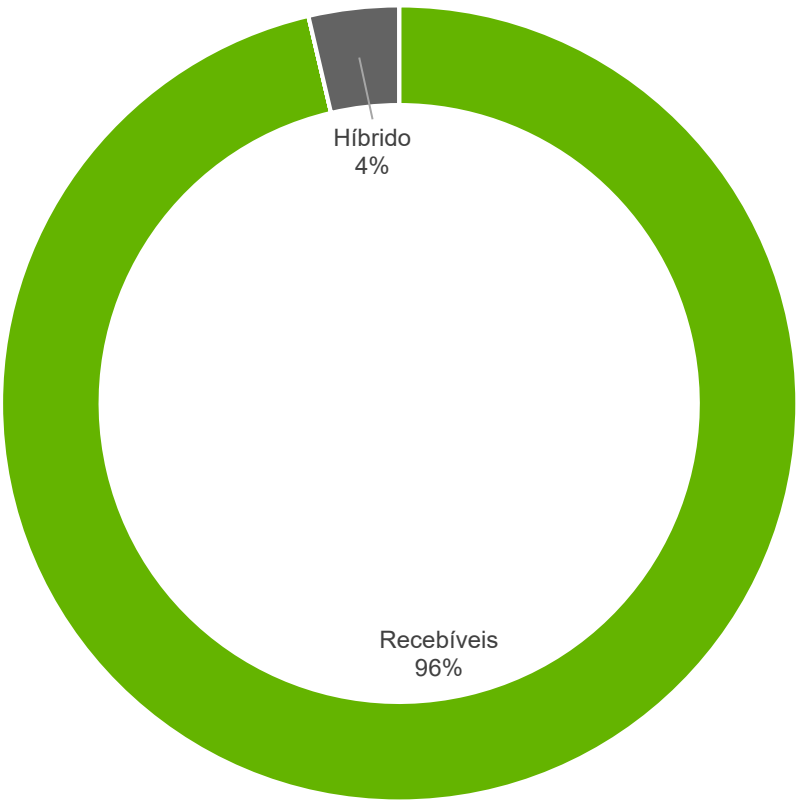


Os FIIs de Recebíveis imobiliários compõem 28,7% do total investido, sendo que 36,2% dessa exposição está alocado em fundos de CRI high grade e 65,0% com exposição ao risco corporativo, considerados os mais resilientes do setor. Em relação aos indexadores dos FIIs de CRI, a estratégia do fundo é manter uma alocação equilibrada entre CDI e IPCA, no intuito de proteger o portfólio tendo em vista a manutenção da taxa Selic em patamares elevados no curto prazo e a inflação nos próximos meses.



Em junho, conseguimos registrar ganho de capital relevante no fundo, impulsionado pela recuperação do IFIX durante o mês de abril. Neste mês, realizamos vendas com ganho de capital, principalmente em fundos de papel, aproveitando o baixo preço médio que tínhamos em carteira. Diante do cenário de recuperação do índice nos próximos meses, acreditamos que há oportunidades para aumentar o volume de negociações no mercado secundário, buscando gerar ganhos de capital e receita para o fundo. Nossa equipe de gestão continua monitorando atentamente o mercado, avaliando alternativas que possam agregar valor, mesmo diante do cenário de aumento das taxas de juros e do significativo desconto em relação ao valor patrimonial.

Ganho de Capital por Segmento

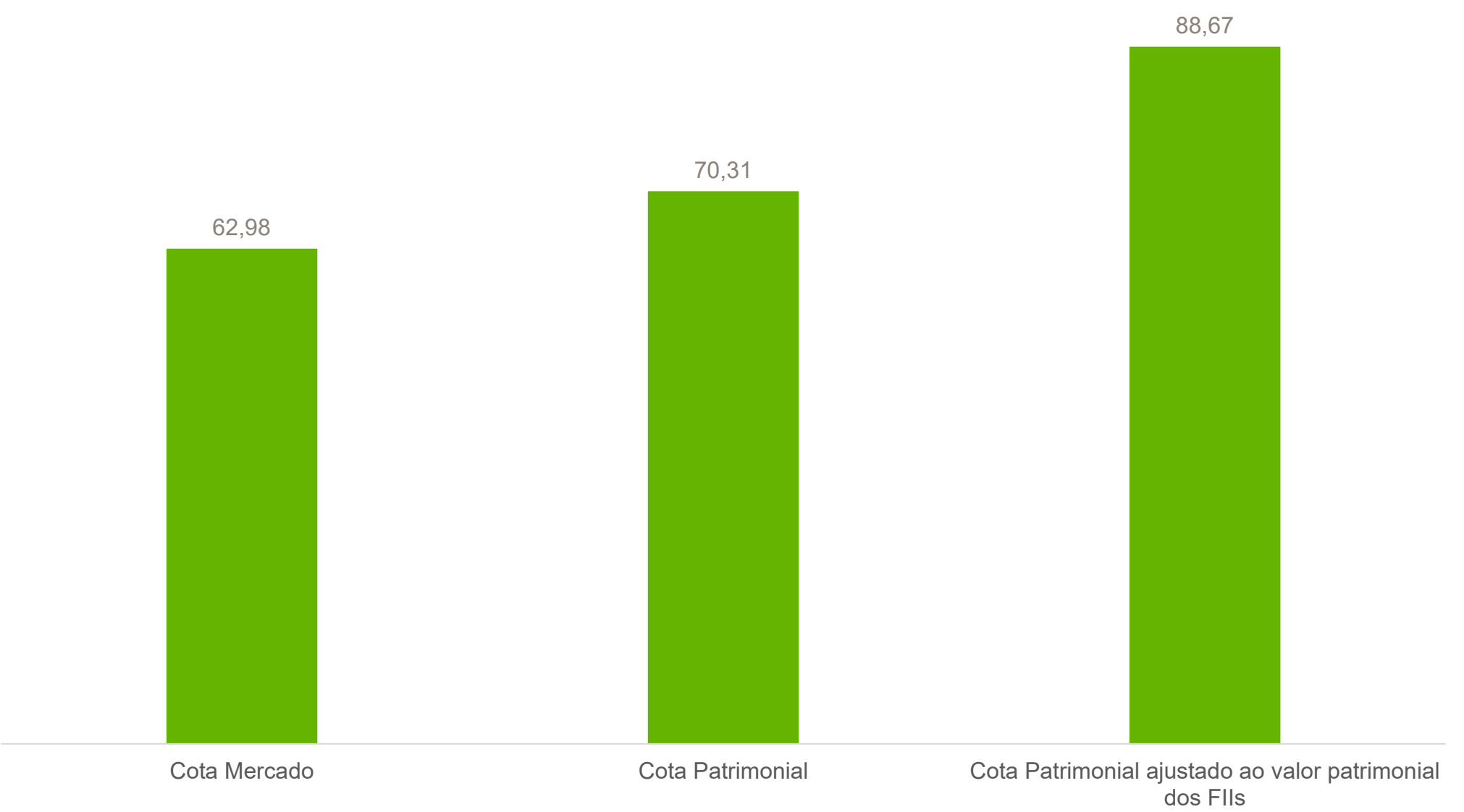


Duplo desconto:

Investir em Fundos de Fundos (FoFs) oferece vários benefícios. Primeiro, esses fundos são geridos por especialistas que realizam análises detalhadas e negociações estratégicas, garantindo uma gestão eficiente. A diversificação é outro ponto forte, pois ao investir em um FoF, o investidor tem acesso a uma ampla gama de ativos, reduzindo o risco associado a um único ativo ou setor. Além disso, os FoFs proporcionam acesso a investimentos exclusivos que não estão disponíveis para o mercado geral. A gestão ativa permite a implementação de estratégias que otimizam o desempenho do fundo. Um diferencial importante dos FoFs é o "duplo desconto": além de obter um desconto sobre o valor de mercado do FoF, o investidor também se beneficia dos descontos dos fundos subjacentes na carteira.

Muitos FoFs estão investindo em FIIs de tijolo, que estão negociando a preços descontados. Adquirir FIIs de tijolo com imóveis de qualidade em regiões centrais a desconto já representa uma boa oportunidade, e fazer isso através de um FoF com desconto oferece um "duplo desconto". No entanto, é importante notar que os FoFs têm custos mais elevados, pois cobram taxas de administração tanto para o FoF quanto para os FIIs subjacentes. Além disso, como o FoF de FII é um investidor indireto, está mais exposto a variações diárias. Ainda assim, todos os FIIs possuem um lastro imobiliário real, seja de tijolo ou de papel.

Análise do Duplo Desconto



FONTE: RB ASSET

Demonstrativo de Resultados

		junho/2025		
VALOR DA COTA PATRIMONIAL DE FECHAMENTO		R\$ 70,31		
QUANTIDADE DE COTAS DO FUNDO		1.078.164		
VALOR PATRIMONIAL DO FUNDO		R\$ 75.805.661		
Mês/Ano	junho/2025	maio/2025	abril/2025	Desde 21/02/2020 (1)
(A) RECEITA ADVINDA DA ALOCAÇÃO EM FUNDOS IMOBILIÁRIOS	R\$ 797.165	R\$ 770.045	R\$ 772.968	R\$ 49.424.281
RENDIMENTO	R\$ 752.667	R\$ 751.737	R\$ 730.338	R\$ 42.989.473
GANHO DE CAPITAL	R\$ 44.498	R\$ 18.308	R\$ 42.630	R\$ 6.434.808
(B) RECEITA DE CRI	R\$ 24.541	R\$ 25.490	R\$ 23.835	R\$ 446.608
(C) RESULTADO IMOBILIÁRIO	R\$ 821.705	R\$ 795.536	R\$ 796.803	R\$ 49.870.889
(D) RECEITA DAS APLICAÇÕES FINANCEIRAS	R\$ 18.712	R\$ 16.871	R\$ 8.206	R\$ 1.273.155
(E) DESPESA OPERACIONAL	-R\$ 128.700	-R\$ 131.180	-R\$ 124.939	-R\$ 5.814.381
(F) OUTRAS RECEITAS / DESPESAS	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 38.653
RESULTADO CAIXA TOTAL	R\$ 711.717	R\$ 681.227	R\$ 680.069	R\$ 45.368.316
(G) AJUSTE NA DISTRIBUIÇÃO	R\$ 10.911	-R\$ 19.580	-R\$ 20.737	R\$ 1.145.066
RESULTADO A SER DISTRIBUÍDO TOTAL	R\$ 700.807	R\$ 700.807	R\$ 700.807	R\$ 44.223.250
(H) RENDIMENTOS ANUNCIADOS POR COTA	R\$ 0,6500	R\$ 0,6500	R\$ 0,6500	R\$ 41,0172

Fonte: BRL Trust
(1) Data de Liquidação da 1a Oferta de Cotas do Fundo RFOF11

Liquidez

Histórico de negociações das cotas do FII RFOF11 juntamente com o volume negociado.

NEGOCIAÇÕES	jun/25	mai/25	Desde 21/02/2020 (1)
Presença em pregões	20	21	1.329
Volume negociado	R\$ 1.539.851	R\$ 1.515.124	R\$ 244.077.212
Média de volume negociado diariamente	R\$ 76.993	R\$ 72.149	R\$ 183.655
Número de cotas negociadas	25.281	24.964	3.413.102
Giro (% do total de cotas)	2,34%	2,32%	314,20%

Fonte: B3
(1) Data de Liquidação da 1a Oferta de Cotas do Fundo RFOF11

INFORMAÇÕES GERAIS DO FUNDO

Razão Social	RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO - FII
CNPJ	34.027.774/0001-28
Código de Negociação (Ticker)	RFOF11
Código ISIN	BRRFOFCTF001
Início do Fundo	20/02/2020
Gestor	RB ASSET MANAGEMENT LTDA
Administrador	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Escriturador	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Custodiante	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Auditor	PRICEWATERHOUSECOOPERS Auditores Independentes
Taxa de Administração	0,8% ao ano sobre o Patrimônio Líquido do Fundo.
Taxa de Performance	20% (vinte por cento) sobre o que exceder a variação do IFIX
Prazo do Fundo	Indeterminado
Liquidez do Fundo	Fundo Fechado
Público Alvo	Investidores em Geral
Negociação das Cotas	B3 S.A. – Brasil, Bolsa, Balcão
Encerramento do Exercício Social	31-dez
Mercado de Negociação de Cotas	B3
Entidade administradora de Mercado Organizado	BM&FBOVESPA
Objetivo do Fundo	Investimento em Ativos Imobiliários para geração de renda
Classificação Autorregulação	Mandato: Títulos de Valores Imobiliários Segmento de Atuação: Fundo de Fundos Tipo de Atuação: Ativa

Características Gerais e Políticas de Investimentos

RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO - FII (RFOF11), constituído sob a forma de condomínio fechado em fevereiro de 2020, tem por objetivo a obtenção de renda e ganho de capital mediante investimentos em Ativos Imobiliários. Dentre os Ativos Imobiliários, o Fundo deverá buscar investir parcela preponderante de seus recursos em cotas de outros fundos de investimento imobiliário. Em sua primeira emissão de cotas, encerrada em 21 de fevereiro de 2020, o fundo captou o montante de R\$ 107.816.400,00. O preço de emissão das Cotas no âmbito da Oferta, na data de emissão das Cotas, foi de R\$ 100,00 (cem reais) por Cota. O objetivo principal da gestão, no RFOF11, está na construção de um portfólio de Fundos Imobiliários diversificado, com exposição à diversos segmentos e gestores, de forma a mitigar riscos decorrentes da concentração em um único fundo ou setor imobiliário. Para realizar estes investimentos no fundo, a equipe de gestão da RB ASSET conta com detalhado processo de investimento e governança, baseado em comitês formais de aprovações construídos ao longo de seus 20 anos de experiência.